

A ética e a moral, dentro e fora das celas

Em 2002, o Centro do Teatro do Oprimido, em parceria com o People's Palace Projects, da University of London – Queen Mary, trabalhou em várias penitenciárias de São Paulo. Em 2003, este projeto foi estendido a mais cinco estados brasileiros: Rio, Minas Gerais, Pernambuco, Rondônia e Brasília. Além disso, no Rio de Janeiro, começamos a trabalhar com os assim chamados *jovens em conflito com a lei*. Estas considerações são a base teórica do trabalho que já estamos realizando.

Poucas vezes, na história da humanidade, foi tão fácil ver as intenções secretas por trás das palavras vazias, na transparência ingênua e ameaçadora do discurso oficial. No mundo, hoje, vale a força: quem pode, manda – o jantar e a razão estão servidos. A ONU perdeu o sentido moderador e decisório com o qual foi criada, e se converteu numa bela tribuna de retórica ornamental.

Cada nação faz o que quer... se, para isso, tiver tanques e bombas – e muitas. Com terrorismo, combate-se o terrorismo; com fanatismo bélico, o fanatismo religioso.

Temos que fechar os olhos se não quisermos ver que o mundo supera, em terror e ameaças, as angústias dos nossos pesadelos infantis. Hoje, fico feliz quando tenho um pesadelo, porque me alivia e reconforta do que vejo no mundo, quando em vigília. Nunca tanto desejei ter pesadelos como desejo agora. Ao sono, peço pesadelos, como o verde pede a chuva: preciso deles para o meu equilíbrio psicológico, minha saúde mental, para continuar a ter alguma esperança de, um dia, acordar.

Precisamos da suavidade dos nossos infantis pesadelos, da segurança que nos davam aqueles dragontinos animais ferozes que se escondiam embaixo da nossa cama e nos estrangulavam com suave sadismo, sorrin-

do chamam; aqueles saudosos fantasmas estrábicos, tão queridos, que se escondiam atrás da porta e dentro dos armários, no sótão e no porão, e nos sufocavam, sensuais; aquelas bruxas, montadas em vassouras de piaçava ou pisando nuvens: saudosos pesadelos de antanho, que os anos não trazem mais! Eles nos davam aquilo que há de mais belo na vida: após o turbulento sono, nós... acordávamos.

Hoje, quem nos acordará dos pesadelos da nossa vigília?

Nos jornais, de manhã bem cedo, lemos que a água potável está se acabando, vamos todos morrer de sede... sem tempo de tomar banho; o buraco no ozônio se abre a olhos cegos, e vai nos queimar como torresmos. *El Niño* promete soprar devastadores tufões, tornados e furacões, se não assinarmos o protocolo de Kyoto, aquele que só quem não polui assina. O preço do petróleo voltará a baixar, mas é necessário que o Iraque seja destruído – eis a solução para a segurança energética e para o crescimento econômico de outras nações, empenhadas em vender bens e serviços para a reconstrução da antiga Babilônia do Rei Hamurabi que, por ironia, foi o inventor do Direito, há quase quatro mil anos.

Uma raça que não ame outra raça, mesmo que sejam as duas a mesma raça; um deus que não ame outro deus, mesmo sendo ambos o mesmo deus; uma nação que não ame outra nação, mesmo sendo ambas o mesmo Estado – todos têm o direito de trucidar seu semelhante: sendo forte o bastante, pode destruir aquele que poderia, um dia, ser o fraterno amigo.

No cassino das Bolsas, *croupiers* de cartas marcadas nas mangas repletas fazem-nos acreditar, cada vez mais, na honradez do jogo do bicho que, por tradição, sempre paga seus clientes. O colchão voltou a ser o nosso melhor investimento.

Esta é a moral do mundo.

Mimético, o Brasil, até 2002, tem ido a reboque. Endemias atacam 20% da população; o desemprego anestesia um terço dos braços ativos; falta saúde, dizimando-se o corpo; falta educação, embrutecendo-se o espírito. O faminto não pode tocar piano, ver a beleza de uma paisagem; não pode pensar, nem namorar: o faminto quer pão!

No Brasil, lânguido, o último desfile militar de 2002 parecia rancho carnavalesco: a escola de samba Unidos de Cabuçu logo terá mais foliões do que o Exército terá soldados.

Não existe ética verdadeira na moral mentirosa: nem no Brasil, nem no mundo. Nada do que se fala é verdade, e a verdade não se fala. Vivemos sob a égide de um Código Moral Polimorfo de Geometria Variável: um filósofo da antiga corte falou em Zonas Cinzas da Moral, onde tudo seria permitido... e temos que conviver com isto. Uma sociedade sem ética clara e precisa é uma sociedade geradora de delinqüentes, porque ela própria delinqüe.

No filme “Cidade de Deus”, uma criança de 12 anos sabe o que quer: “Quero roubar, matar, cheirar, porque quero ser respeitado!”

Como se formou esse Código de Ética? Como se formaram esses valores tão explícitos, coerentes, lógicos... e monstruosos? Quando uma sociedade se desintegra, os valores nos quais se funda não desaparecem: eles se esvaziam e se fragmentam. Suas instituições permanecem aparentes, porém já não cumprem as funções para as quais foram criadas e que lhes deram origem.

Exemplos: os impostos eram uma forma democrática de obrigar os ricos a pagar pelas necessidades básicas dos pobres – assim se fortaleceria o conceito de *sociedade*, em que todos seriam sócios; no Brasil, proporcionalmente, quem paga mais impostos são os pobres, aqueles que deveriam ser por eles beneficiados. As câmaras legislativas deveriam refletir a composição da população, expressar seus desejos e seu equilíbrio, e vemos legisladores que, por ideologia ou corrupção, representam os interesses da pequena parcela rica da sociedade.

Os impostos e as câmaras continuam de pé, esvaziados do seu conteúdo, mas guardam a antiga nomenclatura. Entram na conversação diária como se fossem o que deveriam ser ou teriam sido. Nós nos enganamos usando as palavras em suas acepções antigas que camuflam antinômicas realidades presentes.

Família: figuras como a paterna, materna e fraterna deveriam ser continentes protetores. Nas camadas mais pobres da população, e

não apenas nelas, vemos famílias esvaziadas do seu conteúdo essencial: o pai – com freqüência, alcoólico ou desempregado, ou ambos – manda o filho roubar e exige a sua parte; o padrasto, tio ou pai, estupra meninas na puberdade. A mãe se mata de trabalho, dentro e fora de casa. Os irmãos estão na rua e as irmãs em pardieiros. As, assim chamadas, *famílias*, com violência, expulsam os filhos daquele conjunto humano que deveria ser abrigo e núcleo formador do seu caráter.

Oitenta por cento das crianças pobres internadas no DEGASE (Departamento Geral de Ações Socioeducativas) tiveram escola, sim, porém esvaziada da sua finalidade pedagógica. O professor, que recebe dez vezes menos do que o necessário para uma vida de estudo e dedicação, deveria ser o princípio de autoridade, pai e mãe; colegas seriam irmãos; horários de trabalho, recreio, livros e cadernos, tudo deveria ser fundamentado na solidariedade e no respeito.

Não existe escola com esta função, e sim a que impõe um saber dogmático, pré-paulofreiriano, onde o saber do aluno, que tem origem na sua vida real e concreta, não é levado em conta, nem a sério; escola que, desde a primeira série, designa os alunos que serão salvos e condena os perdidos: classes 101, 102, 103... cada qual com seu destino. Escola onde professores não têm tempo de aprender e, menos ainda, de ensinar, engarrafados no trânsito entre um emprego e outro; escola onde entram drogas e armas, onde o tráfico domina além das suas portas e porta adentro.

Esses formadores de caráter e de valores éticos estão de pé, existem e não existem, como um belo edifício condenado, fantasma à espera da implosão definitiva e restauradora da verdade: ruínas.

Aquela criança na tela, cravada na minha memória, não tinha território nem lar, estruturas em nenhum lugar. Onde buscar integração? Nas igrejas mediáticas? Como? Fazem milagres, curam tudo – até caxumba às quintas, depois do almoço, e Aids, aos sábados pela manhã, no auditório lotado – mas... exigem o dízimo a quem não tem o cêntimo. Exército? Como, se dispensa recrutas por falta de verbas?

Futebol? Como, se só são respeitados se forem para o Real Madrid? Na escola de samba? Dura um carnaval e sobrevém a quarta-feira...

Não tem o apoio da família, não tem acesso à educação e encontra a rua. Sem parâmetros, vagueia, sem rumo. “Tia, me dá um trocado?” A criança busca bússola: quer saber o que fazer, onde está, aonde irá... e ninguém diz. Onde o Sul e o Sol? Ninguém sabe. “Sai pra lá, menino, olha que eu chamo a polícia!”

O tráfico, bem organizado, desconhece a moral de muletas e cria a sua própria, robusta: sem metas, além da ação presente; sem valores maiores que os da sua vontade. Nenhum significado transcende seus atos: moral sem ética. *Mores* sem *ethos*.

O tráfico, mesmo execrável, é continente: contém a criança e lhe oferece oportunidades no crime; permite que seja alguém: basta roubar, cheirar e matar – e será respeitado. O tráfico intimida e organiza a comunidade: é escola, religião e família.

Lá se aprende, como na escola; existem regras, severas e duras, como no Exército; lá se exige a total entrega do corpo e da alma, como na Igreja; lá se oferece diversão, como no samba. O tráfico é jogo de vida ou morte, como o futebol, e permite subir rápido na vida, como no mundo neoliberal.

O tráfico atrai – sejamos sinceros. Respeitando suas leis, cada qual tem garantido o seu lugar. Não respeitando, mesmo que tenha seis anos, como naquele filme, leva um tiro no pé ou uma bala no pescoço. É o que acontece na Cidade, assim chamada, de Deus.

Deus nos acuda e perdoe – se ainda é possível o perdão!

Temos que ser capazes de ver a nudez nua da verdade sem o manto diáfano da fantasia, como dizia o poeta. A moral de plantão na sociedade brasileira tem a mesma estrutura básica, com aparência inocente, que a do crime organizado, culposa. Não podemos sequer calcular quem movimentava mais milhões de dólares: a cocaína... ou a corrupção?

Quando digo que a nossa sociedade não é social e sim uma vasta rede de crime organizado, digo a verdade: ela reduziu cinqüenta milhões de brasileiros à fome. Isto é crime organizado, porque estão sen-

do esfomeados sob o império da lei, no país que é a décima economia mundial. Quando digo que é hipócrita, revelo o óbvio: o salário-mínimo, diz a lei, deve prover alimentação, moradia, saúde, educação e até cultura e lazer... e não provê sequer a cesta básica.

Esta constatação não deve, nem pode, levar-nos ao desespero! Deve nos estimular a reconstruir a nossa sociedade estapafúrdia, fazê-la renascer e torná-la ética.

Fraturas e destroços

O teatro mostra imagens do mundo. O teatro tradicional, dizia Shakespeare, é um espelho onde vemos a nossa imagem, nossos vícios e virtudes. O espectador é apenas testemunha. No Teatro do Oprimido mostram-se imagens da realidade que se quer mudar; um conflito humano, provocado por uma *fratura* na moral vigente. Mas no Teatro do Oprimido, o espectador é chamado a invadir a cena e a buscar alternativas para os conflitos que vê; é convidado a consertar a fratura social, exposta; a debater idéias, não só com palavras, mas usando a mesma linguagem teatral usada pelos atores, o mesmo espaço estético.

O que é uma *fratura*? Um ponto preciso onde a estrutura social se quebra. Uma ferida em corpo são. A fratura supõe a existência do corpo não fraturado. Sadio, inteiro.

Uma empresa desrespeita direitos trabalhistas: houve fratura – faz-se um fórum para organizar a greve e exigir respeito. Grileiro expulsa camponeses das terras que grilou: fratura! Faz-se um fórum para escolher os caminhos da resposta adequada. Estas são fraturas sociais e, por intermédio do teatro, busca-se curá-las, remir vítimas.

No Brasil e no mundo, hoje, o que vemos não são *fraturas*, mas *destroços* de sociedades despedaçadas. Não existem paradigmas. Não existe o *errado*, porque não se pratica o *certo*. A moral que prevalece – *moral*, em latim, *mores*, costumes! – está em reta de colisão com a *ética* – em grego, *metas*, objetivos, valores que se pretende alcançar! *Mores* é o que é; o *ethos* é uma tendência a ir onde ainda não se está. *Mores* é passado e presente; *ethos*, presente e futuro!

Moral se refere àquilo que é comumente aceito; ética ao que deveria ser, ao que queremos que venha a ser. A escravidão, como hoje o latifúndio, já foi moral: ninguém se espantava que alguém possuísse seres humanos como escravos e escravas, como poucos se espantam, hoje, que 1% da população seja proprietária de 50% da nossa terra cultivável, e que os 10% mais ricos tenham 90% do poder econômico do país, enquanto que os 90% mais pobres, apenas 10%. Diante da escravidão, ninguém devia nem dava explicações: era a moral vigente, como são hoje a miséria e a fome neste país tão rico. O comportamento ético, ao contrário, antevia a abolição e a renunciava, como hoje antevemos e renunciemos a reforma agrária e a justa distribuição de renda. Somos éticos e não apenas morais.

A complexidade do trabalho teatral em presídios

Quando trabalhamos com grupos sociais com cujas metas e valores éticos nós estamos de acordo, quando compartilhamos ideais e sentimentos como com os camponeses do MST, os sindicatos dos Bancários e dos Professores, comunidades carentes, negros oprimidos por serem negros e mulheres por serem mulheres, com eles estabelecemos uma parceria fraterna. Nossa função é apoiá-los naquilo que necessitem e desejem. Nossa política é apoiar suas políticas, pois, com eles, temos ou sentimos identidade. Nosso trabalho e o deles é de natureza unívoca. Não questionamos seus valores, porque são os nossos.

Nos presídios ou nos reformatórios, ao contrário, temos parceiros que praticaram certos atos conflitantes com a lei – atos que não aprovamos. Por esta razão ética, com eles não nos podemos identificar, embora possamos identificá-los e compreendê-los: não cometemos crime ou delito, porém, sob certas condições, somos capazes de trabalhar com quem delitos e crimes cometeu, e paga a pena por eles.¹

¹ Alguns de nossos Curingas já reconheceram pessoalmente alguns dos jovens em reformatórios como seus antigos vizinhos ou amigos de infância.

Para isto, é necessário que os presos *retifiquem suas metas e valores éticos* – não podemos ajudá-los a cometer, outra vez, os atos que os levaram ao isolamento. Nossa função é ajudá-los a compreender as ações que, no passado, praticaram, para que possam, no presente, inventar outro futuro e não aquele que antes desejavam ou que parecia inevitável. *A retificação de valores éticos e de metas vitais é indispensável.*

O Teatro do Oprimido oferece a busca estética de alternativas. O teatro mostra imagens da vida humana e revela que, no mundo, tudo é transformável e tudo está em permanente transformação: amanhã, já não seremos quem hoje somos. Nada será como é: tudo se move. Se será diferente, que o seja para melhor, que cause mais felicidade e menos dor.

O desejo dos prisioneiros de retificar seu comportamento tem se revelado, para nossa alegria, verdadeiro, e tem tornado nosso trabalho útil e prazeroso.

Ver, em cena, o ato praticado é a melhor forma de compreendê-lo em toda a sua extensão, e a melhor forma de transformar-se. Imaginar o futuro, a melhor forma de realizá-lo.

O próprio fato de que os sentenciados aceitem trabalhar conosco e manifestem o desejo de continuar já mostra a necessidade intensa de diálogo e a importância do teatro que é vida, vida que é movimento, movimento que tem sentido, sentido que pode, em certa medida, ser escolhido.

Quando trabalhamos com os presos, nossa relação é bipolar: nós e eles. Nesta *bipolaridade* surgem contradições de *valores éticos e comportamentos morais*. Quando trabalhamos também com educadores e agentes – mesmo que não no mesmo espaço, nem ao mesmo tempo –, esta relação se converte em *triangular*. As contradições se multiplicam e devem ser tomadas em conta.

Podemos harmonizar nossos *valores*, mesmo sem possuir as mesmas *metas vitais*, mas temos que levar em conta a existência de quatro códigos éticos que se emaranham na complexidade destas estruturas. Esta constatação deve orientar o nosso trabalho prático que deve,

sempre, ter uma fundamentação teórica que o organize e explique. O *Teatro do Oprimido é um método orgânico, baseado em uma filosofia humanística*, e não um conjunto de formas teatrais desconexas. Não é sacola de ferramentas.

Quais serão esses códigos éticos?

Primeiro: o dos *agentes penitenciários*.² Temos que analisar, teatralmente, como se mostram no presídio e em outras relações de suas vidas cotidianas. Em que aspectos a função *agente* orienta ou limita suas ações e pensamentos. Temos que evitar que *agentes*, em situações prisionais, limitem-se a ser apenas a função que exercem, que aceitem as definições usuais desta função sem questioná-las, quando sabemos que são mais e maiores: são homens e são mulheres.

Da mesma forma que o presídio não é depósito de lixo humano,³ também os agentes não são leões-de-chácara, não são Cérberos, os porteiros do Inferno: têm que ser educadores, professores, conselheiros e amigos. Os agentes são os que mais intenso e longo contato têm com os prisioneiros, com suas necessidades e angústias, seus anseios. No trabalho com agentes, temos que ajudá-los a compreender e a dignificar sua função que, entre outras dignidades, promove a transição entre o presídio e a liberdade.

Temos que mostrar, em linguagem teatral, que os direitos humanos são humanos e se referem a todos os humanos, não apenas aos presos e suas famílias, mas também a eles, agentes; que um dos objetivos mais importantes dos direitos humanos é compreender o ser humano – direito e dever. Isto faz parte da função *agente*, que não se pode resumir apenas a guardador de chaves e usuário de cassetetes – ser agente deve ser uma função nobre, como a do médico e a do professor: ensina e ajuda a curar.

2 Ou educadores. Aqui, usaremos o nome genérico de agentes, mesmo sabendo que em vários presídios a função de educador, ou assistente social, é mais importante.

3 Ontem, os hospícios eram lugares malditos onde os loucos perambulavam pelos pátios, sem rumo, às vezes nus e com fome. Esperavam a morte como hoje os presos esperam o fim da pena.

Se nos agentes existe a justa preocupação com a segurança, a própria e a alheia, temos que mostrar que a insegurança deriva da ignorância, não do saber; do monólogo que limita e não do diálogo que esclarece e ensina. O Teatro do Oprimido, trazendo o diálogo, traz o entendimento: traz a segurança e não o desconforto, não o perigo.

A revalorização das funções dos agentes deve ser a primeira e mais essencial das nossas preocupações. Se um agente inflige tratamento desumanizador a um detento, é ele próprio que se desumaniza. Fazer é ser! Sou o que faço!

Segundo: o código ético do sentenciado, que contém o seu legítimo desejo de existir e ser alguém – quero ser respeitado, disse a criança! –, tem que ser analisado em seus desvios, o joio e o trigo, para que ele possa entendê-los sob outro prisma, outra luz – para que possa confrontar seus valores aos de outras éticas que não a sua; para que o estigma de *sentenciado* não impeça a transformação que, nele, devemos estimular.

O tempo passado na prisão deve ser tempo de aprendizado, amadurecimento. A privação da liberdade, no espaço, deve intensificar o aproveitamento da liberdade no tempo. Temos que recusar o conceito de presídio-depósito, presídio-lixão.

Como poderá o sentenciado, ainda no presídio, separar-se do estigma de *sentenciado*, para que o seu rosto não se transforme na rígida máscara que o cobre? Como ajudá-lo a se reintegrar à sociedade? Cumprida a sentença, o sentenciado deixa de assim sê-lo, mas não deixa de ser a pessoa humana que é, capaz de se transformar. Como ajudá-lo a não carregar consigo para o resto da vida o morto – o preso –, aquilo que foi e já não é? Como renascer, redescobrir-se sem rótulos? A pena cumprida e a dívida paga, a marca de *sentenciado*, como no gado a marca do dono, não pode persegui-lo até o fim da vida.

Terceiro: o código ético polimorfo, vigente na nossa sociedade, como tem sido até agora, deve ser exposto, analisado e criticado – a verdade não pode ser escamoteada. Muito menos quando se faz teatro, que é coisa séria. Não podemos pretender edificar uma sociedade sadia

fazendo de conta que esta que temos em nosso país é aceitável! Não podemos fingir que vivemos em um país justo onde reina a equidade, quando o sabemos iníquo: temos que expor os crimes que esta sociedade que castiga comete, impune.

A sociedade não é responsável por todos os crimes e delitos que em seu seio se praticam; mas tem sua parte de culpa. Por que escondê-la, se não somos seus cúmplices?

Quando se fala em *reinserção social*, temos que ter o cuidado de perceber que não se trata de reinserir o ex-presidiário no mesmo âmbito doentio em que o delito ou crime foi cometido, nas mesmas condições que prevaleciam neste momento. A reinserção deve ser transformadora: mudanças devem ser feitas *dos dois lados*. Do contrário, será inevitável que a reinserção seja seguida de reincidência.⁴

Quarto: o nosso próprio código ético nos leva a nos aliarmos aos oprimidos – aos sentenciados,⁵ agentes, funcionários e famílias –, a todos a quem se limitou o direito ao diálogo e se impôs a unilateralidade coercitiva do monólogo.

Não somos juízes, não julgamos – mas temos o nosso código, por meio do qual vemos o mundo. Como evitar que, com ele, manipule-

4 O imenso grau de violência que se espalha pelo país, no seio de uma população entorpecida e amedrontada, é espantoso. O crime é espantoso, e mais espantosa é a sua ausência. A sociedade brasileira é criminosa e isto espanta, e mais espanta que milhões de esfomeados ainda não tenham invadido supermercados, depósitos de comida, fazendas com seus estoques de alimento e gado, para matar a fome antes que a fome os mate. Espanta que aqueles que recebem salário-mínimo ou menos ainda não tenham invadido os bancos que, no primeiro semestre de 2002, tiveram mais um bilhão de reais de lucro, neste país desnutrido. Os milhares de empregados postos na rua por empresas que quebram buscando lucros nos espantam pelo seu silêncio e por sua estóica boa educação; mais ainda nos espantam porque, sabendo que seus salários serão usados para aumentar os lucros dos acionistas, mesmo assim – isto é espantoso! – calam-se e não ocupam as empresas que os desempregaram.

Temos que nos espantar com os crimes sociais silenciosos antes que sejamos obrigados a nos espantar com os crimes espetaculares que nos ameaçam cada vez mais.

5 Não posso esconder que já fui prisioneiro e sei o que sentem; conheço a importância do tempo e do espaço na vida de um detento e posso me lembrar do que sentia; mas nunca fui agente nem funcionário de uma prisão – só posso imaginar o que sentem.

mos nossos parceiros, impondo nossas visões, sem que a elas renunciemos? O Teatro do Oprimido é o teatro da troca, não da coerção. Tem um fundamento filosófico que deve ser preservado. É democracia: arena onde se cruzam idéias e emoções. Todos têm que ter o direito à palavra e à ação teatral: a manipulação, assim, é impossível.

Este confronto de códigos éticos, de valores e metas, é a primeira estrutura a ser harmonizada. Estes códigos existem e fazem com que tudo que se diga ou faça não tenha nunca o valor do *emissor da mensagem*, mas, sim, o valor que o *receptor* lhe atribui.

O importante não é o que se diz, mas o que se ouve. Não o que se pretendeu exprimir, mas o que pôde ser entendido.

A linguagem separa como aproxima

Temos que cuidar de palavras e gestos, porque cada grupo social tem diferentes estruturas de significados e entenderá os mesmos símbolos – inclusive a linguagem verbal e gestual, a roupa com que estamos vestidos, nosso rosto, nossa voz, nosso comportamento – somente depois de traduzi-los em seu próprio idioma ético e vernacular. Como se, para cada palavra que dizemos, existissem quatro dicionários que a definissem em quatro línguas intraduzíveis.

Mais do que nunca, *a palavra pronunciada não é a palavra que será entendida*. Cuidado: temos que ter a consciência de que estamos entrando na Torre de Babel!

Nisto, o teatro nos ajuda, pois o teatro é a soma de todas as linguagens existentes, o que torna o diálogo possível: se não entendo a palavra, entendo o gesto; se não o gesto, o som; se não o som, o silêncio; se não o silêncio, a cor; se não a cor, o movimento. Se nada disto entendo, entendo o seu conjunto, que é maior do que a soma aritmética dos seus fatores. Nossa comunicação não é apenas racional: é estética, sensorial. É consciente e é inconsciente. Pelos sentidos também fala a razão.

Outro cuidado que temos que ter é o de separar o *fato* acontecido da sua *causa*; separar o *fenômeno*, que é sempre único, da *lei geral* que o

rege e rege fenômenos semelhantes, sempre únicos. Não é nossa função julgar o crime, o delito: nossa função é entender suas causas para que não se repitam os efeitos. Por intermédio do teatro, ajudar para que todos tomem consciência dos seus atos, do significado dos seus atos e das suas conseqüências. Das alternativas que teve ao seu dispor e das que poderá inventar.

Agentes, sentenciados, e mesmo nós, temos que entender que, quando fizermos uma sessão de Teatro do Oprimido, não estaremos falando de casos individuais, deste ou daquele sentenciado ou agente, desta mãe ou daquele pai, mas estudando comportamentos morais e buscando alternativas éticas.

Temos que criar um efeito de *admiração*, *espanto* e *surpresa*. Com o maior respeito por todos os envolvidos. Tudo que mostrarmos em cena deve vir acoplado com o que poderia ter sido ou poderá vir a ser. Todo ato é escolha! A vida é escolha: temos múltiplos caminhos diante de nós – fatalidade não existe. Destino se constrói. Futuro se inventa.

Uma sessão de Teatro do Oprimido sempre tem caráter subjuntivo: e se fosse assim? Como seria se assim fosse? Além de subjuntivos, somos socráticos: com perguntas, temos que fazer com que cada sentenciado descubra verdades. Como Sócrates fazia com seus alunos: perguntava. Ao responder, os alunos descobriam o que, no íntimo, já sabiam.

Quando um camponês sergipano disse que “o Teatro do Oprimido é fantástico, porque nele a gente aprende o que já sabia!”, disse que por meio do teatro trazemos à consciência o que estava obscuro, ao vermos, no *espaço estético*, à distância, aquilo que acontece ao nosso lado, sem o registro da razão.

Em São Paulo, uma equipe de agentes criou uma peça na qual os sentenciados eram interpretados pelos próprios agentes. No momento em que um agente, representando um prisioneiro, recebeu a ordem de baixar a cabeça, colocar os braços para o alto e separar as pernas para a revista, pela primeira vez, sentiu a humilhação que estava tão habituado a infligir, sem perceber. *Viu a situação e se viu em situação* – isto é o teatro: ver-se vendo; observar-se agindo.

Por que o Teatro do Oprimido e, além dele, todas as artes?

Nós somos daqueles que acreditam que todo ser humano é artista; que cada ser humano é capaz de fazer tudo aquilo de que um ser humano é capaz. Talvez não façamos tão bem uns como outros, melhor que outros, mas cada um pode sempre fazer melhor do que si mesmo.

Eu sou melhor do que eu, melhor do que penso que sou, posso vir a ser melhor do que tenho sido, mais amplo, generoso, menos circunscrito a mim. Eu, o sentenciado; eu, o agente, o funcionário, o artista. Artistas somos, todos nós.

Nós acreditamos que *o ato de transformar é transformador*: quando transformo, eu me transformo. Não como os animais, que também transformam a realidade, porém dentro de um projeto geneticamente determinado. Cada pássaro canta o seu gorjeio e não o alheio; o seu trinado, sempre o mesmo, é sem surpresas. Só com o ser humano, que é capaz de sonhar o futuro, nascem a Cultura, a Arte, a Ciência, a invenção. Nasce a certeza de que um mundo melhor é possível!

Todo ser humano é produtor de Cultura, porque Cultura é toda ação transformadora realizada por homens e mulheres: não o que fazem, mas a maneira de fazer. Ser humano é ser capaz de criar Cultura.

A sentença do presidiário prevê a limitação da sua liberdade no espaço, mas não limita as atividades do seu espírito, da sua inteligência e sensibilidade, no tempo. Não prevê que dele se extraia a sua condição humana – isto seria um crime.

O primeiro de todos os direitos humanos é o direito à Cultura, o direito de existir! Este direito é inalienável. No nosso país, não existe pena de morte: a inatividade seria a morte parcial, morte social, isolamento do ser humano em si mesmo, sem pontes para o diálogo. Ninguém pode ser sentenciado ao imobilismo, à paralisia, condenado à inexistência. Não se pode praticar uma metafórica lobotomia nos detentos.

O presídio tem que ser escola, laboratório, fábrica. O direito de crescer intelectualmente não foi ao preso negado pela Justiça. Digo

mais, para que retifique seus erros, este crescimento é necessário. Aqui entra a Cultura. O ser humano é criador, e cada vez que alguma coisa cria, outras criações tornam-se necessárias. Cada uma de suas descobertas cria a necessidade de novas descobertas; cada invenção pede invenções.

A Cultura é o conjunto das maneiras diferenciadas e não geneticamente programadas pelas quais os seres humanos transformam a natureza. Cultura é a concretização da necessidade humana de recriar a natureza, reinventá-la; é o desejo, muito humano e até ingênuo, de querer ser como Deus, criador. Diz uma lenda que Deus, em tempos tão remotos que nem eu me lembro, teria pedido a nós, artistas, que tentássemos organizar melhor a natureza que Ele, em apenas seis dias úteis – pois descansou no domingo, o que prova que ninguém é de ferro –, não teve tempo de fazer, deixando tudo pela metade.

Quando cria Cultura e inventa a Arte, o ser humano realiza a proeza de se tornar humano, sem perder a sua condição animal. Não podemos voltar atrás. Eu me recuso a morar em cavernas e detesto carne crua.

Fazer arte não significa apenas tocar violão, cavaquinho ou reco-reco: significa expandir-se. Expandir-se é a essência da vida. Desde a nossa maculada concepção, desde o embrião, nós temos que nos expandir, no corpo e na alma. Conquistar territórios, físicos e espirituais – entre os meios de fazê-lo, prima a Arte. Não só o teatro, mas a música, a pintura, a escultura, a literatura, a dança. Se o tempo do preso é livre, por que não escreve um poema?

Uma obra de arte não é *reprodução*, é a *representação* da natureza e da vida social. Esta *representação* deve ser percebida pelo observador sem a qual a obra de arte é coisa, não é Arte. Os girassóis de Van Gogh, como a maçã de Magritte, serão apenas flor e fruta se não forem percebidos na dimensão estética que os artistas lhes deram.

Porém, vejam bem: a maçã e os girassóis, quando ainda no pomar ou jardim, já haviam sido vistos pelos seus pintores como Arte, *antes* de serem pintados, *antes* de serem obra. Isto prova que a Arte é o artista,

ou nele está inscrita, e não o seu objeto, a obra de arte, que só será Arte se nela estiver inscrito o artista.

Esta distinção tem que ser feita: Arte é a percepção e a forma de perceber; obra de arte é o objeto percebido; é a coisa que, tendo sido transformada pelo artista, permite a percepção de valores e a fruição de visões, que vão além da coisa, que nela não estão inscritos, mas sim no artista que nela se inscreve. Disse Baudelaire que o artista é como Deus, que deve estar onipresente em sua obra, porém invisível.

Arte é processo; obra de arte é objeto, coisa.

O artista vê a coisa e o observador vê aquilo que, na coisa, viu o artista. Van Gogh via girassóis de uma maneira de que só ele era capaz de ver, e o espectador, vendo seus quadros, vê o que viu Van Gogh em seu jardim, vendo girassóis. Não vê apenas bela tela colorida, pendurada na parede de um museu – esta é apenas o suporte da Arte. Mas o próprio suporte, que é coisa, pode também ser estetizado.

O processo é o mesmo, no artista e no espectador, e consiste em serem ambos capazes de fazer uma abstração: ver, na coisa, a representação desta coisa. Girassóis (coisa) à Van Gogh; quadro de Van Gogh (coisa) à espectador. É necessário que o espectador seja também artista, pois deve realizar, *a posteriori*, na fruição da obra, o mesmo processo estetizante que o artista realiza ao criá-la.

A nossa educação estética do oprimido consiste em desenvolver esse atributo de sermos capazes de ver, na Natureza, a Arte, sem que seja necessária a intermediação da obra;⁶ e, na obra, ver a Arte além da coisa que a corporifica, sejam objetos ou sons. Seremos artistas se for-

6 Pedimos ao nosso grupo de empregadas domésticas, as *Marias do Brasil*, que escrevessem cada uma o seu poema. Foi o que fizeram. O ato de escrever era a Arte; os poemas, a obra. No nosso conceito de *educação estética do oprimido*, prima a Arte sobre a obra. Não queremos submeter os seus poemas ao crivo da crítica literária, saber se eram *bons* ou *maus*, mas observar o seu ato de escrever, de escolher palavras. Este ato era transformador e transformou as empregadas domésticas em poetas.

Faz agora dois anos, todos os nossos seis grupos de Teatro Legislativo fizeram, cada um, a sua escultura com lixo limpo de suas comunidades, baseados no tema *Ser humano no lixo*: o ato de esculpir a todos transformou em escultores.

mos capazes de nos fundir e confundir com a Obra, nossa ou alheia. Seremos artistas se formos capazes do espanto. Capazes de nos admirarmos com uma flor silvestre e com a lata de lixo.

Como vemos, *Arte* é também a relação da obra com o seu espectador, mas não o objeto em si mesmo – ⁷ este é a *obra de arte*. *Arte é a maneira de ver, não a coisa vista*. Mas, para que possa ser vista, há que se transformar a coisa natural em coisa estética.

Como se produz a *obra de arte*? Os sons andam por aí, rodopiando no espaço, aleatórios, e podem ser lembrados, recriados em nossa memória, inventados na nossa imaginação: sons reais ou imaginados – sabemos que a imaginação é uma forma de realidade. Tudo é real: o corpo e a alma. Se nós organizamos os sons no tempo, estaremos inventando a música, pois que a música é a organização do som e do silêncio, no tempo.

E o que são as artes plásticas senão a organização das cores, dos traços e dos volumes, no espaço? E o que é o teatro senão a organização das ações humanas, no espaço e no tempo? O artista organiza o mundo segundo a sua percepção subjetiva – esta é a nossa linguagem, por isso somos artistas e não cientistas: na busca da verdade, vale a nossa subjetividade, não apenas o teste de laboratório. Quanto mais fundo penetrar dentro de mim mesmo, mais próximo estarei do Outro, meu semelhante.

Qual o significado da frase “o ato de transformar é transformador”? Se eu transformo a argila, o barro, a areia da praia e, com isso, faço uma estátua, estarei criando uma obra de arte, transformando a realidade. E o fato de transformar a areia em escultura a mim me transforma em escultor. Agora sou artista. Se organizo os sons que ouço à minha volta ou escuto no meu espírito, e se os ordeno no tempo, escrevo uma parti-

7 Certas tendências da arte contemporânea enfatizam a realidade bruta, não trabalhada, e a cercam de elementos que permitam que seja vista em outro contexto, outro ambiente, outras relações. Um prato de feijão com arroz, em si mesmo, não é arte; iluminado por uma luz violeta, ao lado de uma ratazana azul, morta, em cima de uma toalha verde, pode tornar-se.

tura; transformo a desordenada realidade sonora da natureza em canção, e o ato de transformá-la, a mim me transforma em compositor.

Se agarro com mão firme as palavras que estão no dicionário ou correm de boca em boca, se as ordeno do jeito que só eu sei, se as manipulo, alongo, encurto, mudo seu sentido; se transformo palavras, significados, invento sintaxes, rimas e ritmos, e escrevo um poema, estarei transformando a realidade das palavras, e o ato de transformá-las e criar um poema a mim me transforma em poeta – aquele que transforma as palavras.

A mesma coisa acontece com o teatro, quando se trata de Teatro do Oprimido, quando o espectador se transforma em *espect-ator*, quando invade a cena e cria imagens ideais do que deseja que venha a ser a sua realidade, quando sonha o seu real possível. O espectador transforma as imagens da sociedade que vê e não ama em imagens que ama e deseja, imagens de uma sociedade justa, convivial.

O Teatro do Oprimido nos liberta a todos, pois somos todos prisioneiros: os sentenciados, prisioneiros do espaço; nós, do tempo.

E o ato de transformar a realidade, mesmo em imagem, é um ato transformador, pois *a imagem do real é real enquanto imagem!* Sendo o teatro a soma de todas as artes, o espectador, invadindo a cena, transforma-se em escultor, em músico, em poeta; entrando em cena, mostrando, em ação, sua vontade, sendo protagonista, o espectador se transforma em cidadão! O sentenciado em homem livre!

Seres humanos, desde que somos concebidos, necessitamos nos expandir, para dentro e para fora. Para fora, buscando um território que seja maior que o volume do nosso corpo – a casa, o jardim. Para dentro, a poesia. Todas as poesias. Para fora, a terra firme, o pão e as flores; para dentro, a sabedoria.

Por isso, todo praticante do Teatro do Oprimido deve praticar todas as artes possíveis, expandir-se em todas as direções.

Como somos artistas, como somos românticos, nós acreditamos naquela frase tão linda do poeta cubano José Martí: “A melhor maneira de se dizer é fazer!” Ainda mais: *ser é fazer, e fazer é ser.*

Não seremos jamais aquilo que não fizermos: sou padeiro, porque faço pão; não sou astronauta, porque jamais tirei os pés da terra firme. *Quem teme o mundo jamais será cidadão.*

Queremos conquistar identidade e cidadania, porém só seremos cidadãos se formos capazes de intervir na sociedade e transformá-la naquela que desejamos, pois esta que temos não presta. Foi assim que certos hominídeos desceram das árvores e construíram abrigos, contra a opinião de certos hominídeos, pessimistas e derrotistas, que achavam que isto não seria possível e decidiram continuar pendurados pelo rabo aos galhos mais robustos até que a espécie desapareceu. Foi assim que os seres humanos saíram das cavernas e edificaram casas; plantaram sementes e colheram o trigo; moeram o trigo e fizeram o pão. Assim será quando estivermos decididos a construir uma sociedade justa, não predatória: uma sociedade humana – nós nos humanizaremos. Assim será!

Para isso, é preciso sonhar, não o sonho ruim que substitui a realidade, mas o sonho bom que a prepara. Para isso serve o Teatro do Oprimido: para desoprimir. Para isso serve a nossa parceria: para que possamos nos desenvolver como seres humanos, como artistas.

Fazendo arte, estaremos dizendo o que pensamos, inventando a sociedade que queremos, sendo nós mesmos. Cidadãos solidários.